

sem título Ben acorda para seu primeiro dia de trabalho, seu primeiro dia como um verdadeiro adulto. Muitas primeiras vezes, nas últimas vinte e quatro horas, saiu do seu lar temporário para o seu próprio apartamento, passou na inspeção se adequando aos princípios da sociedade, teve o seu esperma coletado para o banco de fertilização, além de ter sido alocado no setor que tanto desejou na área de neurobiologia.

Caminhar sozinho pelas ruas principais da matriz era algo novo para Ben. Embora estivesse sempre sob vigilância, desde criança sempre tivera um adulto por perto, repetindo-lhe as regras do que podia ou não fazer.

A verdade era que todos naquela sociedade eram escravos de uma patologia que impedia qualquer privacidade ou livre arbítrio. Todos viviam com medo constante de violar as regras, transformando-se praticamente em robôs.

Ao chegar ao laboratório na zona rosa, Ben teve que passar por várias verificações de identidade. Por ser uma instituição de grande importância, apenas cientistas tinham acesso. Após ser reconhecido, dirigiu-se ao seu posto, seguindo as instruções precisas do sistema virtual. Qualquer interação humana era estritamente limitada a situações de extrema necessidade e, mesmo assim, era tão robotizada quanto uma linha de produção.

Ele passou o dia estudando cérebros de macacos e observando suas reações a diferentes estímulos. Estava tão imerso no novo trabalho que nem quis fazer pausas para explorar as instalações ou comer algo. Foi um dia gratificante para Ben, que executou suas tarefas com excelência no primeiro dia.

Ao deixar o laboratório no final do dia, Ben ficou impressionado com a quantidade de pessoas saindo de suas zonas e retornando aos seus apartamentos. Nunca vira tantas pessoas juntas ao mesmo tempo.

Distraído pelo barulho de um drone se aproximando, Ben imediatamente abaixou a cabeça, seguindo os passos robotizados conforme a norma.

Não era permitido caminhar lado a lado com alguém, nem olhar diretamente nos olhos de outra pessoa. As regras eram muitas, todas em prol da sociedade. Bastava segui-las para manter a paz social, afinal, cem anos haviam se passado desde o último incidente provocado pela patologia.

À medida que todos se juntavam em uma fila que diminuía conforme cada um alcançava seu destino, Ben mapeava mentalmente o ambiente ao seu redor. Dividia os espaços entre públicos e privados, sabendo que apenas seu apartamento era considerado privado; do lado de fora, câmeras vigiavam cada metro quadrado.

O setor de monitoramento era um dos maiores empregadores, perdendo apenas para o setor tecnológico. Ben achava esse trabalho tedioso: observar pessoas entrando e saindo de suas casas, repetindo as mesmas regras a cada cinco minutos. Não gostava de ouvi-las quando era criança e detestaria ter que recitá-las agora que era adulto.

Ao entrar em seu apartamento, Ben deixou seus sapatos ao lado da porta e as chaves em uma pequena mesa designada para isso. Sem ter se alimentado o dia inteiro, dirigiu-se diretamente à cozinha, que, apesar de ser para uma pessoa, era surpreendentemente espaçosa. Enquanto vasculhava a geladeira, pensava no desperdício de espaço e percebeu que precisaria sair para abastecer suas provisões.

Extremamente introvertido e avesso a interações sociais, tarefas como fazer compras o deixavam desconfortável. Preferia passar o tempo com livros, jogos ou estudando neurobiologia e teorias sobre a patologia, algo acessível apenas a cientistas como ele.

No entanto, a necessidade de se alimentar o fez sair. Ao chegar ao elevador, precisou aguardar alguns minutos.

"Deve estar transportando alguém", pensou enquanto aguardava.

Quando finalmente ficou sozinho, Ben permitiu-se espiar ao redor, sua curiosidade captando detalhes dos corredores, contando os apartamentos por andar e notando as câmeras de vigilância. Foi pego encarando uma delas quando as portas se abriram.

Após o reconhecimento facial, foi rapidamente transportado para o térreo.

Com a cabeça baixa, Ben seguiu para a fila. O supermercado ficava na zona branca, a dez minutos de seu apartamento. Embora a caminhada fosse rápida, as filas tornavam tudo mais demorado quando as ruas estavam cheias.

Sentiu como se todos tivessem decidido ir ao supermercado ao mesmo tempo, o que aumentou seu desconforto. Tentando focar no lado positivo, notou que a noite estava perfeita, com temperatura agradável e estrelas nítidas pintando o céu como uma obra de arte. A quietude só era quebrada por latidos distantes; em meio aos passos pesados, reinava um silêncio completo.

Na zona branca, não havia necessidade de credenciais ou verificações; a entrada era livre. Ben concentrou-se em pegar rapidamente tudo o que precisava: proteínas, legumes, verduras, frutas, carboidratos e, finalmente, doces.

No final do corredor, viu uma mulher esticando-se para alcançar uma caixa de chocolate. Observou ao redor para verificar se alguém mais se aproximava.

"Parece que só nós dois estamos dispostos a arriscar nossa saúde", pensou, lembrando da regra de que uma alimentação saudável excluía doces. Revirou os olhos brevemente e caminhou em direção à mulher.

Ao se aproximar, ouviu-a resmungar enquanto tentava sem sucesso pegar a caixa. Sem dizer uma palavra, estendeu a mão e pegou o chocolate.

"Chocolate amargo", pensou e sorriu para si mesmo antes de entregar-lhe a caixa.

"Obrigada", a voz dela soou doce em seu ouvido.

Ben não ouvia a voz de outra pessoa há dias; a experiência o deixou extasiado. Em um impulso, olhou diretamente nos olhos dela, que o retribuiu com um sorriso. Sentindo-se culpado como se tivesse cometido um crime, baixou rapidamente a cabeça e dirigiu-se ao caixa sem pegar seu próprio doce.

Registrando suas compras no banco de dados do supermercado, dirigiu-se à saída quando sentiu um leve toque no braço, fazendo-o gelar por completo.

"Chocolate", a voz feminina invadiu seus ouvidos novamente.

Ela estendeu a mão, colocando alguns chocolates nas mãos dele.

Paralisado e atordoado, Ben ficou imóvel por alguns segundos. Ouviu os passos dela se afastando antes de, mais uma vez por impulso, virar o rosto para encontrá-la olhando para ele e sorrindo antes de desaparecer na fila.

Ele não conseguia entender por que alguém desafiaria as regras, nem por que seu corpo reagiria daquela forma.

"Não olhe nos olhos, não toque", repetia mentalmente a cada passo.

A fila avançava lentamente, mas a mente de Ben trabalhava rapidamente, trazendo de volta a imagem daquele sorriso e daqueles olhos, enquanto tentava se concentrar nas teorias sobre a patologia.

"Ame sua vida, não o próximo", murmurou o slogan da campanha.

Lembrou-se da primeira vez que sua mãe falara sobre a patologia.

"Ben, se você vai trazer uma vida a este mundo, precisa estar vivo", ela dizia enquanto cozinhava. "Amar outra pessoa acabará com sua vida, então você precisa seguir as regras."

Ele não entendia exatamente o que ela queria dizer com "amar"; não compreendia o amor. Mas quando ingressou na escola, sua professora explicou em termos que, embora não definissem o amor, explicavam o que ele deveria evitar para não descobri-lo.

"Amar alguém é desenvolver um sentimento", disse a professora para a sala. "Um sentimento como raiva, tristeza, alegria." Ela fez uma pausa, olhou para Ben e sinalizou para que ele baixasse a cabeça antes de continuar. "Mas o amor é um sentimento tão intenso que pode matar quem o sente. Por isso, é o sentimento mais perigoso que existe, e por isso surgiram nossas regras para evitar que as pessoas se machuquem..."

Na verdade, todos naquela sociedade compartilhavam dessa patologia, mas ninguém sabia ao certo como ela se manifestava, apenas que era desencadeada pelo contato humano. Não havia estudos suficientes, pois

aqueles que se permitiam sucumbir ao amor morriam rapidamente, deixando pouco tempo para pesquisas. Tudo era baseado em teorias.

O amor era visto como algo perigoso, capaz de matar suas vítimas no momento em que seu ferrão tocava a pele delas.

Chegando em seu apartamento, Ben organizou sua comida, fez um lanche rápido, limpou-se e deitou em sua confortável e enorme cama. Seus olhos fitavam o teto, em completo silêncio, enquanto sua mente era tão barulhenta quanto uma estação de trem em época de férias.

Ele tinha olhado profundamente nos olhos daquela mulher, mas não se sentia diferente. Ela o tocou e nada mudou. A única pessoa com quem ele tinha tido um contato semelhante era sua mãe, muitos anos atrás.

"Quanto tempo é necessário para que essa doença entenda que é amor?", murmurava ele.

Como cientista, a curiosidade era inata. Os questionamentos eram incessantes, e Ben passou a noite mentalmente desenvolvendo experimentos sobre como essa patologia poderia se manifestar em seu campo de estudo até que finalmente sucumbiu ao sono.

Na manhã seguinte, seu alarme soou baixinho, cortando o silêncio. O sol refletia na janela, iluminando a parede à sua frente, enquanto o aroma do café preparado pela cafeteira programada permeava o ar. Sem hesitar, extremamente entusiasmado não apenas pelo novo trabalho, mas por suas novas ideias, Ben se levantou.

Após sua rotina matinal de higiene, Ben pegou seu café, levando-o às narinas para inspirar profundamente antes de colocá-lo em um copo para viagem. Ele se apressou em direção à porta, sem querer perder um único segundo.

Na fila, ele espiava os lados sempre que podia, ocasionalmente levantando um pouco a cabeça, talvez na esperança de um novo encontro visual. Mas rapidamente voltava à postura robótica. A adrenalina corria em suas veias, seu coração acelerado, pensando na mulher que desafiou tudo isso com gestos tão simples.

"Talvez eu esteja enlouquecendo", pensou, sacudindo a cabeça para afastar o pensamento.

Quando chegou ao seu destino e completou os procedimentos de identificação, Ben dirigiu-se ao seu laboratório. Os macacos faziam barulhos, jogavam fezes uns nos outros, mas ele estava focado em começar a implementar uma de suas ideias. Ele realocou uma fêmea para uma cela maior onde havia um macho, com a intenção de estudar os efeitos neurológicos dessa mudança. Se os macacos desenvolvessem qualquer forma de vínculo, Ben acreditava que seria capaz de detectar mudanças em seus cérebros.

Acreditando que poderia encontrar o ponto neurológico exato para bloquear, Ben passou o dia observando os macacos interagirem e criar

vínculos, embora sem resultados imediatos. Mesmo assim, ele permanecia otimista.

Com fome, ele caminhou pelos corredores em busca do refeitório, mas antes de chegar ao seu destino, ele a viu: uma mulher de jaleco branco com cabelos desgrenhados e olhos penetrantes por trás de grandes óculos. Em um piscar de olhos, ela desapareceu. Ben olhou em volta desajeitadamente, mas quando drones se aproximaram, ele rapidamente retomou sua postura robótica e se dirigiu à fila para pegar comida. Ele sabia que precisava ser mais cauteloso; seus impulsos poderiam colocá-lo em apuros com a sociedade.

Após terminar sua refeição, decidiu explorar as seções do prédio. Sua visão periférica captava laboratórios de diferentes tipos, mas o que ele realmente procurava parecia estar bem escondido. Sem sorte, ele voltou ao laboratório dos macacos.

Quando Ben trabalhava e analisava cérebros, sentia-se completamente fora de si, esquecendo-se de tudo ao seu redor. Vivendo sob tantas pressões e regras, ele se agarrava a qualquer distração para preencher o vazio de não entender como certas coisas funcionavam. O conhecimento sempre foi sua válvula de escape.

Ben não conhecia outra forma de viver. No entanto, sempre sentiu que todas aquelas restrições não eram normais. Observando o reino animal, sentia certa inveja: eles pareciam ter mais liberdade de escolha do que ele, um ser pensante e considerado inteligente por seus professores.

Em um devaneio, Ben esbarrou em seu café, causando uma bagunça que um dos macacos achou graça. Ben repreendeu o animal impulsivamente.

"Ha ha, muito engraçado. O que esperar de quem acha divertido jogar fezes para o alto?", disse ele, tentando limpar a bagunça, com um tom rabugento.

Se alguém o observasse por alguns instantes, notaria que ele era um homem estranho: brilhante, mas completamente desajeitado e deslocado. Ben parecia não pertencer a lugar algum. Apesar disso, ele possuía uma combinação interessante de inteligência e beleza física, embora essa última passasse despercebida devido às rígidas normas sociais. Nem mesmo ele notava suas próprias qualidades.

Aquela sociedade fora construída para ignorar o físico e o atrativo. Funcionava de maneira racional, onde não havia espaço para frivolidades. Sabiam apreciar um belo dia ou uma obra de arte, mas jamais apreciavam outros indivíduos. Elogios eram desencorajados e repreendidos. As poucas vezes que Ben se sentira elogiado foram apenas pela sua mente brilhante, de forma fria e robótica.

"É impressionante como seu cérebro funciona."

Como qualquer sociedade, essa também tinha seus pontos positivos. Evitava-se guerras e confrontos, já que um descuido poderia acabar com a vida de alguém em um instante. Tudo era organizado e pré-determinado,

eliminando a pobreza. Cada um tinha seu lugar e cargo, e tudo girava em torno da continuidade da existência humana.

Histórias sobre o mundo antes da patologia eram ouvidas, mas esse mundo havia desaparecido milhares de anos atrás, então não era seguro confiar totalmente nelas. No entanto, todas tinham em comum o fato de que as pessoas costumavam conversar, conviver, se apaixonar, e seus filhos eram concebidos em casa, não somente em clínicas como hoje em dia.

Quando criança, Ben sonhava acordado com o antigo mundo, imaginando como seria brincar livremente, dizer o que pensava sem restrições. Em dias solitários, ele criava animações em seu computador onde dava vida a aqueles sonhos, fantasiando-se livre.

Com o tempo, percebeu que o único lugar onde poderia ser verdadeiramente livre era dentro de sua própria mente. Foi assim que seu interesse pela ciência, especialmente a neurobiologia, começou.

Ao final do dia, Ben se viu novamente naquela enorme fila, voltando para seu apartamento. Algo incomum aconteceu: alguém o empurrou com força, fazendo seu corpo desequilibrar-se. Antes que pudesse reagir, a fila continuou a mover-se, e ele teve que seguir adiante, recompondo-se rapidamente.

De volta ao seu apartamento, Ben seguiu seus hábitos, deixando os sapatos ao lado da porta, as chaves na mesa. Ele foi em direção ao

banheiro para iniciar seu ritual de tomar um longo banho, quando um pequeno pedaço de papel caiu de um de seus bolsos. Intrigado, pois não se lembrava de colocá-lo ali, ele o pegou e desdobrou.

"Receberá um casal de macacos da noite amanhã. Parecem mais interessantes para sua pesquisa. Seja discreto."

sem título 2Na manhã seguinte, como havia sido alertado, Ben recebeu um casal de macacos-da-noite. Conhecidos por serem monogâmicos e criarem famílias, Ben compreendeu imediatamente por que esse casal seria perfeito para seus estudos.

Por outro lado, ele se perguntava quem mais poderia estar interessado em suas pesquisas, das quais ainda não havia feito nenhum relatório. Isso implicava que alguém o estava observando de perto. Apesar das câmeras que monitoravam o laboratório vinte e quatro horas por dia, ninguém podia ter certeza das suas intenções com aquele casal de primatas.

Apesar das dúvidas sobre as intenções de quem lhe presenteou com aquele belo casal de macacos, Ben preparou uma cela espaçosa e logo introduziu o casal no mesmo ambiente. Para ele, independente de qualquer coisa, o importante era descobrir o que o experimento revelaria.

Para não levantar suspeitas sobre seu trabalho, Ben continuou com seus outros projetos. Ele tinha macacos tão estressados para seu estudo sobre vícios que eles não paravam de jogar tudo que encontravam ao alcance de

suas mãos, inclusive comida, água e fezes, em cima de Ben; o que o deixava tão irritado quanto os próprios macacos às vezes.

Muitas vezes, ele não conseguia se conter e acabava reagindo aos ataques dos macacos, o que era considerado antiético. Mas só quem já teve fezes de macaco voando diretamente na face pode entender o quão difícil é manter a compostura.

Ben mergulhava cada vez mais em seus projetos. O casal de macacos-da-noite progredia lentamente a cada dia, e estudar as mudanças cerebrais deles alimentava algo dentro dele. Talvez fosse o desejo de viver sem medo, ou simplesmente o cansaço das muitas regras. De qualquer forma, estava determinado a encontrar respostas para suas perguntas e faria isso enquanto tivesse meios.

Caminhando pelas seções do laboratório, Ben notou uma parede adornada com quadros contendo retratos. Embora passasse por ali praticamente todos os dias, nunca havia prestado atenção nos rostos daquelas pessoas. Por alguns segundos, ficou imóvel, observando e analisando os rostos - todos cientistas renomados. Foi então que um rosto familiar capturou sua atenção.

"Dra. Arabella Honeycutt."

Repetindo esse nome em sua mente por diversas vezes enquanto retornava ao seu laboratório. Ele tinha uma leve sensação de já o ter lido antes. Então vasculhava a sua mente em busca de recordar, como ele a conhecia. Ela não era apenas a mulher que ele viu no supermercado.

Sua mente parecia um grande armário de arquivos, onde ele ia abrindo gaveta por gaveta, em busca daquele nome familiar.

Ben já estava pegando no sono quando ouviu um clique no seu interior.

" \*\*Dra. Arabella Honeycutt Ganha Prêmio por seu Estudo em Biogenética Envolvendo Abelhas e o Corpo Humano\*\*

A Dra. Arabella Honeycutt, uma figura proeminente na comunidade científica, foi laureada com o Prêmio de Inovação em Biogenética por seu trabalho pioneiro que une o estudo das abelhas com avanços significativos na medicina humana. Reconhecida por sua dedicação à pesquisa na Universidade de Avanços Científicos (UAC), Dra. Honeycutt tem explorado a interseção complexa entre o genoma das abelhas e suas implicações para a saúde humana.

O prêmio, conferido pela Fundação de Pesquisa Avançada em Biociências, destaca o impacto revolucionário das descobertas da Dra. Honeycutt. Seu estudo mais recente, publicado na prestigiada revista científica Nature Biotechnology, revela como os mecanismos genéticos das abelhas podem oferecer insights cruciais para o desenvolvimento de novas terapias médicas.

"Estou profundamente honrada por receber este prêmio e por ser reconhecida pelo potencial transformador da biogenética em ambientes

diversos, desde a ecologia até a saúde humana", comentou Dra. Honeycutt, emocionada durante a cerimônia de premiação. "As abelhas não são apenas bioindicadoras vitais do nosso meio ambiente, mas também oferecem um tesouro genético de possibilidades terapêuticas."

Os estudos da Dra. Honeycutt revelam como certos genes das abelhas podem ser utilizados para explorar novas abordagens no tratamento de doenças humanas, incluindo diabetes e câncer. Sua equipe na UAC continua a investigar como os mecanismos de defesa e adaptação das abelhas podem ser aplicados para melhorar a resistência a doenças e promover a regeneração celular em pacientes humanos.

Além das aplicações médicas, o trabalho da Dra. Honeycutt tem implicações profundas na agricultura sustentável e na conservação ambiental, destacando a importância de preservar a diversidade genética das abelhas em face das mudanças climáticas e da perda de habitat.

O reconhecimento da Dra. Arabella Honeycutt não só celebra suas conquistas notáveis na biogenética, mas também sublinha a necessidade contínua de pesquisa interdisciplinar para enfrentar desafios globais complexos, unindo ciência e inovação para um futuro mais saudável e sustentável. "

[...]

Respirou aliviado ao finalmente conectar as informações; era como se um peso tivesse saído de seus ombros, e agora ele poderia dormir em paz.

Seu trabalho tornava-se cada dia mais fascinante. Além dos projetos regulares, Ben agora se empenhava em encontrar a Dra. Honeycutt. Era uma tarefa arriscada, exigindo discrição absoluta.

Ele passara diante do laboratório de biogenética várias vezes, mas nunca encontrava Arabella lá. Preocupado com a possibilidade de observadores notarem sua mudança de rota, decidiu deixar um pequeno bilhete em sua porta, na esperança de que ela o encontrasse. Para não levantar suspeitas, ele fez uma bagunça proposital, derramando água na porta dela. Qualquer um que visse seu histórico saberia que Ben era notoriamente desajeitado, então essa pequena encenação não pareceria fora do comum.

Agachando-se para fingir uma tentativa frustrada de limpar a bagunça, Ben posicionou-se de forma a bloquear a visão da câmera para o rodapé da porta, onde escondeu rapidamente o pedaço de papel. Depois, deixou uma grande poça de água ali e retornou ao seu trabalho.

Poucas horas depois, quando encerrou, o expediente, Arabella foi ao encontro de Ben que entrava na fila para retornar para sua casa. Com muita cautela ela entregou a ele um pedaço de papel, outro bilhete. Que Ben aguardou até estar em um lugar seguro para abrir, seu apartamento.

" Me encontre no supermercado, no mesmo corredor, as sete e meia, acredito que alguém da sociedade está de olho em você, tome cuidado."



Olhando no relógio ele constatou que tinha apenas quinze minutos para chegar ao local, as pressas ele saiu de casa.

Ben correu para o supermercado, com o coração acelerado pela urgência do encontro iminente. Ele se sentia como se estivesse prestes a desvendar um mistério intrigante. Ao chegar, percebeu que Arabella já estava lá, disfarçada com óculos escuros e um lenço no cabelo, estudando cuidadosamente os produtos em uma prateleira.

Eles se aproximaram um do outro, conscientes da necessidade de discrição. Ben cumprimentou-a suavemente, e Arabella retribuiu com um aceno de cabeça, indicando que deveriam continuar agindo naturalmente.

"Você conseguiu chegar a tempo. Bom," disse Arabella, mantendo a voz baixa. "É arriscado nos encontrarmos assim, mas precisamos falar."

Ben assentiu, sentindo o peso da responsabilidade sobre seus ombros. "Eu entendi o que você disse sobre a importância de manter tudo em segredo. Mas você acredita que alguém na sociedade está realmente monitorando nossos movimentos?"

Arabella suspirou, os olhos fitando algo além das prateleiras do supermercado. "Há rumores. Pessoas poderosas na sociedade que não veem com bons olhos nossas ideias de liberar o mundo da patologia. Elas preferem o controle, o status quo."

"Entendo," murmurou Ben, pensativo. "E quanto ao seu trabalho com as abelhas? Parece incrível."

Ela sorriu ligeiramente, uma faísca de orgulho em seus olhos. "Obrigada. Estou tentando abrir novos caminhos na biogenética, explorando o inexplorado. Mas isso também atrai olhares indesejados."

Ben olhou ao redor, consciente dos olhares discretos das outras pessoas no supermercado. "Então, o que fazemos agora?"

Arabella ponderou por um momento, as mãos tocando levemente o carrinho de compras. "Precisamos continuar nossas pesquisas, com cuidado. Não podemos permitir que o medo nos impeça de buscar a verdade. Mas devemos ser astutos, evitar chamar atenção desnecessária."

"Entendido," disse Ben, sentindo uma nova determinação crescer dentro dele. "Vamos nos manter em contato, de forma discreta. Precisamos garantir que nossos esforços não sejam em vão."

Arabella assentiu, seus olhos encontrando os dele com seriedade. "Estamos juntos nisso, Ben. Juntos, podemos fazer a diferença."

E assim, no corredor silencioso do supermercado, Ben e Arabella selaram um pacto de colaboração clandestina, determinados a avançar em suas respectivas pesquisas e, quem sabe, transformar o mundo com suas descobertas. Eles terminaram a breve conversa, afastando-se um do outro com a mesma cautela com que se encontraram, prontos para enfrentar os desafios que estavam por vir.

Enquanto Ben caminhava de volta para casa naquela noite, ele sentia a excitação e o peso das responsabilidades que agora compartilhava com Arabella. O futuro era incerto, mas a esperança de um mundo melhor guiava seus passos.

No dia seguinte, Ben chegou ao laboratório com um misto de esperança e apreensão. Ao verificar sua mesa, encontrou um microscópio que não pertencia aquele lugar, cuidadosamente ele posicionou seu olho no aparelho. Onde na lâmina ele identificou alguns caracteres.

"B. Doze. Quinze. A."

Ben sentiu uma pontada de excitação e nervosismo. Ele começou a pensar o que aquilo significava, o "A" obviamente era de Arabella, a zona que eles estavam era a rosa, então pensou que ela poderia estar se referindo a zona branca, mas se o doze ou quinze fossem horários, não faria sentido pois eles não eram autorizados a deixar a suas zonas antes do fim do expediente. Por um segundo ele olhou para a sua porta então notou que todas as seções são designadas com um letra inicial, a dele era a "N" e todas as salas tinha um número.

"Seção B, sala doze as quinze horas." Ele concluiu.

O que Arabella tinha em mente? Ele sabia que essa reunião poderia ser crucial, mas também trazia consigo o risco de ser descoberto por olhos indesejados.

O dia passou devagar, com Ben tentando manter o foco em seus experimentos enquanto sua mente vagueava para o que poderia ser essa sala secreta e o que Arabella estava planejando. Finalmente, às duas e quarenta e cinco, ele decidiu que era hora de se aventurar para descobrir.

Seguindo um caminho discreto pelos corredores do laboratório, Ben chegou à sala doze, na seção B. A porta estava entreaberta, como se estivesse esperando por ele. Ele entrou cautelosamente e encontrou Arabella lá dentro, examinando uma série de papéis em uma mesa iluminada por uma única lâmpada fraca.

Ela olhou para cima quando ele entrou, seu rosto iluminado por uma mistura de emoção e determinação. "Ben, que bom que você veio. Sente-se."

Ben fechou a porta atrás de si e se aproximou da mesa. "Arabella, o que é tudo isso? O que significa essa sala secreta?"

Ela sorriu de leve. "Esta é uma sala que usei para investigações mais sensíveis. Ben, acredito que nossas pesquisas podem se complementar de maneira única."

Curioso, Ben se inclinou para examinar os papéis. Eram relatórios detalhados sobre o veneno das abelhas e suas propriedades bioquímicas, juntamente com anotações sobre os efeitos cerebrais dos macacos-da-noite em seu laboratório. "Está sugerindo uma colaboração?"

"Exatamente," respondeu Arabella. "Meus estudos indicam que certos componentes do veneno das abelhas têm potencial para influenciar neurotransmissores no cérebro humano, possivelmente promovendo a regeneração celular e combatendo doenças neurodegenerativas. Se combinarmos isso com suas descobertas sobre as mudanças cerebrais nos macacos, podemos abrir novos caminhos na neurociência e na medicina."

Ben absorveu as informações, sentindo a magnitude do que estava sendo proposto. "É ambicioso, mas também muito arriscado. Se você estiver certa e alguém descobrir..."

"É por isso que estamos aqui, nesta sala secreta," interrompeu Arabella com firmeza. "Precisamos manter isso entre nós, pelo menos por enquanto. Não podemos deixar que o medo nos impeça de avançar."

Ben assentiu lentamente, consciente das apostas elevadas. "Estou dentro. Vamos fazer isso." E antes que ela fosse embora ele aproveitou para tirar algumas das suas dúvidas. " Dra Honeycutt, porque você não segue as regras?" Ele questionou impulsivamente.

"Você quer dizer: porque eu olho nos seus olhos e não falo como um robô?" Ela sorriu. "Aprendi a muito tempo que você pode até ter um rosto bonito, mas enquanto você falar comigo como um ser sem sentimentos, eu não vou me apaixonar por você Ben." Notando que ele ainda estava confuso, ela se aproximou dele, e Ben por extinto esquivou e escondeu o olhar. " Olhe para mim. " Ela mandou e ele obedeceu. " Amor é conexão Ben, em muitos aspectos, no momento a única conexão que temos é o meu olhar no seu, e meu interesse na sua mente brilhante. "

Apesar de ser difícil de entender para ele, ela parecia saber do que estava falando.

"Como você tem tanta certeza que você não acordará a patologia?" Ele questionou.

"Eu não tenho." Ela deu de ombros. "Apenas não tenho medo. Eu quero viver minha vida da forma que eu acho certo, se eu puder ajudar alguém no caminho com as minhas pesquisas será ótimo, mas eu não vou deixar uma patologia me privar de olhar na cara de quem eu bem quiser." Ela deixou escapar uma risada inocente e se despediu de Ben.

Os próximos dias foram um frenesi de colaboração intensa e discreta entre Ben e Arabella. Eles usaram a sala secreta como seu quartel-general improvisado, discutindo teorias, planejando experimentos e compartilhando descobertas. Ben estava cada vez mais impressionado com a profundidade e a inovação do trabalho de Arabella com o veneno das abelhas, enquanto ela admirava a meticulosidade e a dedicação de Ben às suas pesquisas com os macacos-da-noite.

À medida que suas pesquisas se entrelaçavam, eles começaram a ver resultados promissores. Testes iniciais indicavam que combinar certos compostos do veneno das abelhas com os estímulos específicos no ambiente dos macacos podia levar a respostas cerebrais inesperadas e, potencialmente, terapêuticas.

No entanto, a sombra da sociedade secreta e seus interesses ocultos pairava sobre eles. Ben e Arabella sabiam que precisavam continuar com extrema cautela, mantendo seu trabalho na mais absoluta discrição. Cada avanço era um passo em direção a um futuro onde suas descobertas poderiam fazer a diferença não apenas na ciência, mas também no mundo.

Enquanto eles continuavam a mergulhar nas profundezas do desconhecido, Ben percebeu que estava testemunhando não apenas o potencial de suas pesquisas, mas também o poder transformador da colaboração entre mentes apaixonadas e determinadas a desafiar os limites do conhecimento humano.

sem título 3Enquanto Ben e Arabella continuavam sua colaboração na sala secreta, suas conversas se tornaram mais íntimas e pessoais. Em um dia especialmente tranquilo, depois de uma sessão de experimentos bem-sucedidos, Arabella sugeriu uma pausa para café. Ela trouxe duas xícaras fumegantes para a mesa improvisada e eles se sentaram, olhando um para o outro com um misto de cansaço e entusiasmo.

"Ben, nunca te contei como entrei no mundo da ciência, não é?" começou Arabella, olhando distante por um momento antes de se recolher.

Ben sorriu, encorajando-a silenciosamente a continuar. "Não, nunca contou."

"Eu cresci em uma pequena cidade onde a ciência era vista como algo distante, reservado para pessoas que não eram como nós. Meu pai era um agricultor e minha mãe uma professora primária. Mas desde muito nova, eu me sentia fascinada pelo funcionamento das coisas, pelas abelhas, e pelos mistérios do corpo humano. Eu sabia que queria estudar biologia desde que me entendi por gente."

Ben ouviu atentamente, percebendo o quão distantes eram suas próprias origens daquelas de Arabella. "Eu sempre vivi em uma cidade grande. Meus pais eram cientistas, então acho que a paixão pela ciência está no meu sangue. Mas, de certa forma, sinto que nunca me encaixei completamente nesse mundo também."

Arabella assentiu com empatia. "Acho que muitos de nós na zona rosa sentimos isso. Somos encorajados a seguir os passos que nos são traçados, mas sempre há uma parte de nós que busca algo mais, algo diferente."

Ben pensou por um momento antes de responder. "E você acha que encontrou esse 'algo mais' na biogenética das abelhas?"

Ela sorriu, os olhos brilhando com uma mistura de determinação e admiração pela sua própria pesquisa. "Sim, definitivamente. As abelhas são criaturas incríveis, com tanto a nos ensinar sobre resistência, adaptação e colaboração. Elas são um exemplo vivo de como a natureza pode nos mostrar caminhos que nunca imaginamos."

Os dois permaneceram em silêncio por um momento, absorvendo as palavras um do outro. Ben sentiu uma conexão crescente com Arabella, não apenas como parceira de pesquisa, mas como alguém que compartilhava sua inquietação com o status quo.

"Arabella," começou Ben, hesitante, "você já pensou em como seria se não houvesse sociedade? Se pudéssemos viver apenas seguindo nossa curiosidade e buscando o conhecimento?"

Ela olhou para ele com intensidade, compreendendo o peso das suas palavras. "Muitas vezes. Imagino um mundo onde a ciência não seja restrita por políticas ou agendas, onde possamos verdadeiramente explorar sem medo de censura ou punição. Mas, até lá, precisamos ser cuidadosos. O que estamos fazendo agora é um pequeno passo nessa direção."

Eles terminaram o café em um silêncio confortável, cada um perdido em seus pensamentos sobre o futuro incerto, mas cheio de possibilidades.

Ben e Arabella continuaram seu trabalho na sala secreta, avançando com cuidado e persistência. Eles enfrentaram desafios e contratempos, mas também celebraram pequenos sucessos que os impulsionaram adiante. A confiança entre eles crescia a cada dia, alimentada pela compreensão mútua de suas aspirações e pelo desejo compartilhado de desafiar os limites do conhecimento humano.

O mundo lá fora era um labirinto complexo de interesses e poderes ocultos, mas dentro da sala secreta, Ben encontrou um refúgio de esperança e possibilidade. Com Arabella ao seu lado, ele estava pronto para enfrentar qualquer desafio que o futuro reservasse.

Após um dia de intenso trabalho na sala secreta, Arabella sugeriu a Ben que o levasse para conhecer um lugar especial após o expediente. Sem pensar muito ele aceitou.

Ela explicou que era um local distante, na zona amarela, onde algumas pessoas se reuniam em segredo para discutir ideias consideradas subversivas pela sociedade.

Ben sentiu uma mistura de curiosidade e nervosismo ao aceitar o convite. Naquela noite, após tomar todos os cuidados para não serem seguidos ou observados, Arabella conduziu Ben por um caminho pouco iluminado nos arredores da zona rosa. Eles caminharam por entre prédios abandonados e vielas estreitas até chegarem a uma entrada oculta, camuflada por plantas e sombras.

Entraram em um espaço amplo, iluminado apenas por velas que lançavam sombras dançantes nas paredes de tijolos envelhecidos. Ali, Ben encontrou um grupo de pessoas de diversas idades e origens, todos compartilhando um olhar de determinação e uma aura de segredo.

Em algumas paredes haviam panfletos colados com as regras da sociedade, muitos deles rabiscados com desenhos de ódio ou palavras de baixo nível.

**\*\*PARA UMA SOCIEDADE COMPLETA NÃO ESQUEÇAM AS REGRAS\*\***

1. É extremamente proibido qualquer contato entre indivíduos, físico ou visual, com raras eventuais exceções de seus responsáveis no intuito educacional.
2. Os indivíduos devem falar somente quando for realmente necessário e usar apenas poucas palavras quando o fizer.
3. É proibida qualquer interação.
4. O uso dos elevadores devem ser feito individualmente, sendo permitido apenas com companhia um animal ou uma criança pela qual seja responsável.
5. Todos indivíduos quando em público devem andar em fila, mantendo uma distância razoável entre si.
6. Para manter a continuação da existência da humanidade, será obrigatória a coleta de espera em homens que atingiram a idade adulta.
7. Em consenso com a regra de número seus, mulheres poderão dar início ao processo de fertilização assim que atingirem a idade adulta ou sendo obrigadas, caso necessário, quando atingirem o máximo de trinta e cinco anos.
8. Os pais terão contato com seus filhos por um tempo limitado, sendo assim, quando a criança atingir a idade limite de dez anos sendo encaminhada para um lar temporário, onde irá ganhar o seu treinamento para ser útil em sociedade.
9. Todos os indivíduos são observados constantemente, sendo passível de punição qualquer violação das regras.
10. Caso haja violação, o indivíduo terá direito a um julgamento.
11. Sendo comprovado que violação fora cometida de forma deliberada o indivíduo terá que aceitar a punição determinada pelo júri.
12. Todos os indivíduos devem residir em alojamentos designados pela sociedade, onde cada pessoa terá seu próprio espaço individual e será responsável pela sua manutenção.
13. Qualquer forma de expressão artística, seja visual, musical ou literária, é estritamente proibida, exceto aquelas produzidas pelo governo para fins educacionais ou informativos.
14. A alimentação será distribuída gratuitamente, sendo apenas necessário um registro de controle no banco de dados do governo.
15. As vestimentas devem ser uniformes e funcionais, não podendo conter qualquer tipo de adorno ou distinção pessoal.
16. É estritamente proibido qualquer forma de comunicação não autorizada, incluindo o uso de dispositivos eletrônicos para troca de mensagens ou acesso à informação não aprovada pela sociedade.

17. A saúde física e mental de cada indivíduo será monitorada regularmente pela equipe médica designada, sendo obrigatória a participação em sessões de avaliação conforme determinado pela administração.

18. O sono será rigorosamente controlado, com horários fixos para dormir e acordar, garantindo o máximo de eficiência e produtividade durante o período vigília.

19. Qualquer desvio das normas estabelecidas resultará em punições severas, que podem incluir desde isolamento até reeducação forçada, dependendo da gravidade da infração e da recorrência do comportamento inadequado.

20. Todas as decisões importantes relacionadas à vida dos indivíduos serão tomadas pela administração central, com base em critérios de utilidade para a sociedade como um todo, sem considerar preferências individuais ou emoções pessoais.

**\*\*\_Essas regras formam um sistema altamente controlado e regulamentado, visando suprimir qualquer forma de interação pessoal ou emocional que possa comprometer a ordem e estabilidade da sociedade.\_\*\***

[...]

Arabella apresentou Ben aos poucos, explicando brevemente seu trabalho, mas sem mencionar o que eles almejavam, o lugar estava repleto de pessoas com todo tipo de conhecimento. Ben percebeu que aquele lugar era um refúgio para mentes inquietas, onde ideias podiam ser debatidas sem medo de repressão, mas por outro lado todo cuidado era pouco.

Durante horas, Ben e Arabella conversaram com os outros presentes, compartilhando detalhes de seus projetos, discutindo os desafios enfrentados e explorando novas possibilidades. Ele se viu envolvido em conversas que desafiavam suas próprias concepções sobre ética científica e o papel da pesquisa no mundo.

Em certo momento, um homem mais velho, com rugas profundas e olhos brilhantes de sabedoria, levantou-se para falar. "Companheiros, estamos aqui não apenas para debater, mas para agir. O conhecimento que cada um de nós busca pode ser a chave para liberar a humanidade das amarras da patologia que nos sufoca. Devemos continuar a nos reunir, a compartilhar nossas descobertas e a nos apoiar uns aos outros."

A atmosfera na sala era carregada de uma mistura de esperança e desafio. Ben sentiu-se inspirado pela paixão e pela coragem das pessoas ao seu redor, que estavam dispostas a arriscar tudo para seguir suas convicções.

Ao final da noite, quando Ben e Arabella se preparavam para deixar a zona amarela, ele sentiu uma nova determinação crescer dentro dele. A experiência tinha sido reveladora, mostrando-lhe que seu trabalho não era apenas sobre descobrir verdades científicas, mas também sobre desafiar um sistema que muitas vezes limitava o progresso em nome da estabilidade.

No caminho de volta para suas zonas, Arabella olhou para Ben com um sorriso cansado, mas cheio de significado. "E aí, o que achou?"

Ben respirou fundo, processando tudo o que tinha visto e ouvido naquela noite. "Foi incrível, Bella. Ver tantas mentes brilhantes reunidas, compartilhando ideias sem medo..."

"Bella?" Ela sorriu. "Meu pai me chamava assim."

Eles trocaram um olhar de afetuoso e mútuo. Enquanto se afastavam da zona amarela e se preparavam para enfrentar os desafios que estavam por vir, Ben sentiu-se diferente, ele admirava sua coragem, mente e determinação.

Com Arabella ao seu lado, ele sabia que tinha um aliado forte e corajosa. Mas por outro lado Ben ainda tinha receio do que poderia acontecer se eles continuassem a passar tempo juntos ainda mais sem seguir as regras. Afinal, ela era uma mulher bonita e que tinha todos os atrativos que poderiam levar ele a desenvolver qualquer sentimento.

Na manhã seguinte, enquanto Ben estava concentrado em seus projetos no laboratório, foi surpreendido por uma visita inesperada.

"Com licença, Dr. Mindsworth." Uma voz feminina, fria e metálica ecoou pelo ambiente, fazendo-o saltar da cadeira e derrubar uma pilha de papéis que estava analisando. "Perdão..." Ela continuou enquanto ele recolhia os papéis. "Me chamo Charlotte Fitzwilliams. Estou aqui para avaliar seus avanços. Continue com seu trabalho, e eu farei o meu sem interrompê-lo."

Ele assentiu com a cabeça sem encará-la, determinado a não dar motivos para críticas aos seus projetos ou à sua conduta. No entanto, não podia negar um certo desconforto com a situação.

Charlotte permaneceu imóvel em um canto do laboratório, mas Ben sentia o peso constante de seu olhar. Durante toda a manhã, ela não emitiu uma única palavra, nenhum ruído ou movimento.

Ben sentiu uma inquietação crescer dentro dele na presença de Charlotte. Ela era uma presença imponente, com um ar de autoridade que contrastava fortemente com a atmosfera colaborativa e aberta que ele encontrava com Arabella e os outros na zona amarela. Enquanto continuava seu trabalho no laboratório, a sensação de ser observado por Charlotte o perturbava profundamente.

Ele tentou focar em seus experimentos, mas sua mente voltava repetidamente para a visita inesperada. "Quem era Charlotte Fitzwilliams?", ele se perguntava. "E por que ela estava ali, observando cada passo que eu dava?"

Charlotte parecia conhecer cada detalhe do protocolo, cada linha de código que ele escrevia e cada decisão que tomava. Sua presença era como um lembrete constante das regras e das expectativas que ele devia cumprir. Ben sentiu um arrepio ao perceber que Charlotte não era apenas



uma observadora passiva; ela era uma figura que podia determinar o futuro de seu trabalho, e talvez até de sua liberdade.

Enquanto isso, sua relação com Arabella se intensificava cada vez mais. Ela era o oposto de Charlotte - vibrante, curiosa, cheia de vida e coragem. A conexão entre eles crescia não apenas como colegas de pesquisa, mas como parceiros que compartilhavam uma visão de mundo desafiadora. Ben admirava a maneira como Arabella desafiava as normas e buscava verdadeiramente o conhecimento, algo que ele próprio ansiava profundamente, mas que sempre lhe foi negado.

No entanto, o medo persistente de punição e repressão ainda o assombrava. Ele sabia que o que sentia por Arabella ia além da parceria intelectual; havia uma atração crescente, um desejo de estar perto dela, de explorar não apenas o desconhecido da ciência, mas também os mistérios de seus próprios sentimentos.

Ben se via dividido entre dois mundos - o mundo controlado e restrito da zonas, onde cada passo era monitorado e regulado, e o pequeno mundo naquele prédio antigo e escondido da zona amarela, onde ideias podiam florescer e ser discutidas livremente, mas com o risco de punições severas se descobertas. Ele sabia que cada momento com Arabella trazia consigo a possibilidade de ser descoberto, de enfrentar as consequências de suas escolhas.

No entanto, o que mais o intrigava era o mistério em torno de Charlotte. Quem era ela realmente? O que representava sua presença constante em seu trabalho? Ele sentia que havia algo mais por trás da figura austera e das palavras medidas que ela eventualmente poderia pronunciar.

Enquanto Ben navegava por esse labirinto de emoções e dilemas éticos, ele se viu questionando as regras que governavam sua vida. Afinal, o que era mais importante - seguir o caminho seguro e previsível estabelecido pela sociedade, ou arriscar tudo em nome da descoberta e da liberdade de pensamento?

Esses questionamentos se misturavam com as conversas intensas que ele tinha com Arabella, onde exploravam não apenas os mistérios da ciência, mas também os desafios pessoais e as ambições que compartilhavam. Cada olhar trocado, cada gesto sutil entre eles carregava uma carga emocional que Ben lutava para compreender totalmente, dada sua própria natureza robótica, mas curiosa.

Enquanto o tempo passava, as tensões aumentavam. Ben sabia que teria que fazer escolhas difíceis em breve. Entre a segurança da conformidade e a liberdade do desconhecido, entre a frieza da obediência e o calor da conexão humana, ele estava prestes a descobrir até onde sua coragem o levaria.

sem título 4Ben voltou para casa após um longo dia no laboratório, com a mente turbulenta de pensamentos e emoções conflitantes. Ele percorreu os corredores estéreis da zona rosa, onde cada porta fechada e cada janela vigiada pareciam sussurrar as regras que regiam sua existência. Não havia

espaço para desvios, para interações além do estritamente necessário, nem mesmo para expressões de curiosidade ou desejo.

Ao entrar em seu apartamento, grande e amplo com móveis simples e neutros, ele se sentou em sua escrivaninha e ligou seu terminal de trabalho. Seu projeto científico piscava na tela, os dados e as análises aguardando sua atenção. Ben não tinha autorização para trabalhar fora do laboratório, mas ele já estava trabalhando em um projeto ilegal, então isso seria só mais tropeço nas regras, tentou focar, mas sua mente continuava retornando às imagens de Arabella, seu sorriso cheio de vida contrastando com a rigidez ao seu redor.

Ele sabia que precisava ser cauteloso. Charlotte estava agora em sua mente como uma sombra, observando cada movimento, avaliando cada decisão. A presença dela o deixava inquieto, como se estivesse constantemente na corda bamba entre aprovação e censura.

Os pensamentos sobre Arabella também o perturbavam. Ele se lembrava das conversas profundas na zona amarela, das risadas abafadas e dos olhares compartilhados que transcendiam as palavras. Sentia-se atraído por ela de uma maneira que nunca havia sentido antes - uma mistura de fascínio intelectual e atração emocional. Mas também havia o medo, o medo de se deixar levar por esses sentimentos e colocar tudo o que havia construído em risco, morrer antes de desenvolver seu projeto não era de forma alguma uma opção.

Ele não podia se dar ao luxo de ser imprudente. Cada passo fora do lugar designado poderia resultar em punições severas - desde o isolamento até a reeducação forçada, dependendo da gravidade da infração. Os seus passos entre a linha tênue que era as regras e um corrompido eram separados por milímetros.

Ben sentia o peso das escolhas sobre seus ombros. Ele sabia que estava no limite entre dois mundos, entre duas maneiras de viver e de pensar. A parte robótica de sua personalidade lutava para manter o controle, seguindo as regras estabelecidas para evitar qualquer desvio que pudesse colocar tudo em perigo.

No entanto, havia uma parte dele, uma parte que ele mal reconhecia, que ansiava pela liberdade de explorar não apenas o mundo da ciência, mas também o mundo de emoções que Arabella despertava nele.

Enquanto a noite avançava e as sombras se estendiam sobre sua janela, Ben continuou imerso em seus pensamentos. Ele sabia que teria que fazer uma escolha em breve. Entre o conhecido e o desconhecido, entre a segurança e o risco, entre seguir as regras ou desafiar o sistema.

E, enquanto isso, Arabella permanecia em sua mente como um farol de possibilidade, uma promessa de um mundo onde a curiosidade não era apenas permitida, mas encorajada.